

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal Class.: Madeira / Comp. Mogno
 Data: 27/03/93 Pg.: 139

O mafuá dos índios

ANTÔNIO ITAYGUARA

Engraçado. Ontem os caiapós eram tidos com o símbolo da pureza ecológica. Dizia-se, pela mídia internacional, que eles viviam em harmonia com a floresta, respeitando o meio ambiente que lhes assegurava a sobrevivência alegre, sadia... e rica. Hoje estão sob a mira de uma bruta metralhadora de 50 milímetros, cuspidos críticas para todos os lados. Vamos aos fatos.

Durante a década de 80, sob o comando do finado cacique Tutu Pombo (que Tupã o tenha), os cerca de dois mil índios caiapós deitaram e rolaram explorando suas reservas. Alojados em território rico em recursos naturais, o cacique mantinha sob cabresto curto grupos de garimpeiros e madeireiros, explorando ouro e, principalmente, mogno. Faturando cerca de 10 milhões de dólares a cada ano, compraram aviões, carros do ano, tratores e coisa e tal. Vida de rico.

Pois bem. Estavam os caiapós no maior baticumbum do mundo quando esse comportamento antiecológico começou a arrepiar gregos, troianos e baianos. Principalmente o governo e os ambientalistas. Ou seja: os índios envenenaram-se com a própria saliva. O Núcleo dos Direitos Indígenas sapecou farofa no ventilador

e entrou com uma ação judicial obrigando o governo federal a salpicar fiscais por todos os lados das aldeias. A ordem é impedir a retirada legal do mogno. Na outra ponta, o mercado internacional da madeira vinda das reservas indígenas meteu a tranca na porta.

A partir daí a coisa se complicou. Os índios, pê da vida porque os "brancos" querem proteger a derrubada indiscriminada do mogno, acenderam o maior mafuá e foram bater em Brasília. Falando com o presidente Itamar Franco tascaram, sem pestanejar: ou o governo deixa que eles rebentem com tudo que existe de valor na reserva ou solta um "cacau" do tamanho de 50 mil dólares mensais para cada uma das suas dezesseis aldeias. Chantagem da grossa, que dizem ser orientada pelos madeireiros. Resultado: a solução fica por conta dos humores do deus da floresta. Seguindo o exemplo, os ianomamis pintaram o corpo e foram fazer careta no Ministério da Justiça. Na base do ou dá ou desce, eles também querem estourar a reserva.

Colocado com a costa na parede, o índio semi-aculturado levanta pelo menos dois sérios problemas: como manter o seu atual padrão de consumo sem agredir a natureza? E o que fazer para garantir a sua identidade tribal sem que seja abandonado à própria sorte nas periferias urbanas?